

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

Isac Aboab — Comentador bíblico espanhol nasceu em Toledo em 1433 morreu no Pôrto em Janeiro de 1493. Era o discípulo e sucesor de Isac Campanton, e era cognominado «o último Gaon de Castela». Depois que Fernando e Isabel decretaram a expulsão dos judeus em 1492, êle com 30 outros dos mais respeitáveis judeus da terra chegaram a Lisboa com ordens de negociar com o Rei D. João II de Portugal

RABI ISAC ABOAB

para a recepção dos seus correlegionários banidos. Êle e os seus companheiros foram habitar em condições favoráveis no Pôrto. Morreu poucos meses depois da expulsão. O seu discípulo, o cronista e matemático Rabi Abraam Zacuto dirigiu o seu funeral. Muitos dos discípulos de Aboab atingiram grandes distinções. Das suas obras têm aparecido impressas: «Nehar Pishon», uma colecção de sermões, «Constantinopla», 1538; etc.

Os judeus sob o domínio dos Ptolomeus

(301-203 ANTES DA ERA VULGAR)

1—A Judeia passa para o domínio dos Ptolomeus.—Depois da morte de Alexandre Magno (323 antes da Era vulgar), os seus generais dividiram entre si as províncias do seu vasto império, a Judeia coube em sorte a Laomedon, governador da Síria (320 antes da Era vulgar); mas Ptolomeu, filho de Lagos, que tinha tido o Egipto em partilhas, apoderou-se poucos anos depois (301) da Palestina. Este novo senhor, assim como os seus sucessores, testemunharam benevolência aos judeus. A Judeia foi governada como no passado por um grande sacerdote, e o livre exercício da sua religião foi garantido aos seus habitantes.

2 — Sanhedrin.—Foi nesta época que «A grande Sinagoga» foi transformada num tribunal supremo denominado Synedrion ou Sanhedrin, sendo composto de 71 membros. Esta assembléia ocupava-se sobretudo da jurisdição, do estudo da Lei e da sua aplicação prática; ela tinha a sua sede numa sala do Templo, denominada «Sala das Lages». O Sanhedrin era presidido pelos Doutores da Lei mais eminentes e mais piedosos. O seu chefe usava o título de Nassy (Patriarca); o seu imediato era o Ab-Beth-Din ou chefe do tribunal. Estes homens piedosos dirigiram durante vários séculos os destinos do povo.

3—Muitos judeus fixam-se em Alexandria.—A brandura com a qual os Ptolomeus trataram os judeus entusiasmaram muitos dentre êles a se estabelecerem no próprio Egipto. Foi sobretudo em Alexandria que vieram fixar-se. Esta cidade, fundada em honra de Alexandre Magno, era nesta época um centro intelectual e comercial. Os judeus ali chegaram a altas situações. Êles ocuparam postos elevados na administração, no exército e no comércio. Êles se distinguiram também nas artes e ofícios e assim contribuíram para a prosperidade da cidade. Apesar de afastados da sua pátria e do seu centro

religioso, êles ficaram fielmente ligados à doutrina judaica. A Sinagoga de Alexandria era célebre pelas suas dimensões e pela sua beleza. Ela era tão vasta que um homem se mantinha ao lado do Hazan, com uma bandeira na mão, para dar sinal de cada vez que tinha chegado o momento para os fiéis dizerem «Amen». Nesta Sinagoga cada grupo de ofícios tinha o seu lugar marcado, de modo que os estranhos que vinham ali orar encontravam facilmente os seus colegas.

4—A Bíblia é traduzida em língua grega.—Ptolomeu II Filadelfo, filho e sucessor de Ptolomeu I, não foi menos favorável aos judeus que seu pai. Este monarca, diz-se, mandou pedir ao Grande Sacerdote Eleazar, a Jerusalém, uma cópia dos livros sagrados, para a colocar na grande biblioteca, fundada por seu pai em Alexandria; êle lhe pediu ao mesmo tempo de lhe enviar homens sábios, capazes de fazer a sua tradução. Eleazar escolheu setenta-e-dois homens notáveis pela sua ciência religiosa e os enviou a Alexandria, onde-êles fizeram a famosa tradução grega, a *Versão dos Setenta*. Foi esta a primeira tradução da Bíblia em linguagem vulgar.

5—Influência da Bíblia sôbre os pagãos.—A Bíblia assim traduzida exerceu uma poderosa influência sôbre os pagãos, entre as quais a idéia dum Deus único começou a tomar raízes. O homem, que, entre os seus escritos, mais contribuiu a fazer conhecer as idéias do judaísmo entre os pagãos, foi um judeu alexandrino, chamado Philon. (20 antes da Era vulgar—54 da Era vulgar), que foi um grande admirador e um defensor zeloso da sua religião.

6—Perigo da cultura grega para os judeus. Josué Ben-Sirah.—Mas os judeus tomando contacto com a língua e a cultura grega, sofrendo pouco a pouco, por sua vez, a influência do meio pagão, perigo

real para muitos dentre êles. A civilização requintada dos gregos, seduzia facilmente os espíritos leves e relaxavam a sua moral e a sua crença. Do Egipto êste novo espírito irradiou até à Judeia e ali exerceu os seus estragos. Contra esta influência perniciosa se levantou sobretudo Josué Ben-sirah (o seu livro escrito em hebreu, não nos chegou completo senão numa tradução grega. Fragmentos hebraicos foram encontrados àcerca de cinqüenta anos. Êle é contado entre os livros chamados: apócrifos, isto é, excluídos da Bíblia) que em máximas, exortou os seus contemporâneos à fidelidade para com Deus e sua lei. Citemos algumas delas:

1) — Desgraça para os ímpios.

(Capítulo XLI, 8-9).

« Desgraça para vós, ímpios, que tenham abandonado a Lei do Altíssimo!

Se vós multiplicais, é para a ruína.

Se vós caís, é para a alegria do povo.

Se vós morreis, é para ter como partilha a maldição. »

2) — Instrução sôbre a vergonha.

(Tirada dos capítulos XLI e XLII).

« Filhos escutai a instrução sôbre a vergonha:

Tende vergonha diante dum pai ou duma mãe, do deboche, diante dum companheiro, ou dum amigo, da perfidia;

tende vergonha de violar um pacto ou um juramento,

de recusar o donativo que vos pedem, mas não tendes vergonha de praticar a Lei e a Aliança do Altíssimo.

Assim vós sereis homens verdadeiramente ajuizados e estimados por tãda a gente. »

3) — Deus protege os que o respeitam.

« Os que respeitam o Senhor viverão, porque êles puzeram as suas esperanças naquele que os salva.

Aquêle que teme o Senhor não tem outro temor,

êle não conhece o mêdo, porque Deus é a sua esperança!

Feliz o que teme o Senhor!

Os judeus sob a dominação siríaca

(203-140 ANTES DA ERA VULGAR)

1 — Os judeus nos reinados de Antíoco — o grande e Seleuco. — Durante mais de um século os judeus tinham vivido felizmente sob o domínio dos Ptolomeus. Mas a rivalidade entre os reis da Síria e do Egipto não tinham cessado. Antíoco III, o grande arrebatou a Palestina aos Ptolomeus de maneira que os judeus passaram para o domínio dos siríacos. Antíoco, o grande assim como o seu sucessor Seleuco, trataram os judeus com bastante benevolência, deram até ricos presentes ao Templo de Jerusalém e não se meteram nos assuntos internos da Judeia.

2 — Helenistas e Hassidim. — Em breve por causa de alguns judeus infiéis grandes desventuras vieram atingir o povo. Depois que as ricas famílias judias tomaram contacto com os gregos e tinham aprendido a

conhecer o seu culto imoral, muitos dêles desprezavam os costumes judeus. Os chefes dêste partido helenista, que simpatizavam com os gregos e os seus costumes, eram Josué, que tinha mudado o seu nome para Jason; Simeão, vigilante do Templo e Menelau, irmão de Simeão. Êstes amigos da civilização grega procuram atrair o povo para as suas idéias. Mas a grande maioria dos judeus, tendo à sua frente o piedoso e virtuoso Grande Sacerdote Onias, irmão do ímpio Josué, opuzeram-se a êstas inovações, e os Hassidim (os piedosos) esforçaram-se por manter intacta a herança dos seus antepassados.

3 — Os judeus no reinado de Antíoco Epifânio — Jason apodera-se do pontificado. — A situação mudou completamente em favor do partido helenista logo que

Antíoco IV Epifânio (o brilhante) sucedeu a seu irmão Seleuco. Era um homem tirânico e cruel; assim nada de espantoso que os seus contemporâneos lhe chamassem *Epimânio* (raivoso). Jason foi procurá-lo e prometeu-lhe uma grande quantia se êle consentia nomeá-lo Grande Sacerdote. Antíoco Epifânio acedeu ao seu desejo. O piedoso Onias foi exonerado das suas funções e o helenista Jason apoderou-se do pontificado. Jason abusou do seu poder para favorecer o seu projecto favorito e introduziu em Jerusalém muitos usos pagãos. Em frente do Templo, edificado em honra de Deus Único, êle fêz construir um ginásio, onde a juventude judia se exercitava nos jogos olímpicos, segundo o uso grego. Êle exortava até os padres a praticarem aquêles exercícios, tão pouco compatíveis com a religião judia. A juventude não foi mais instruída na THORAH, mas na ciência dos gregos.

4 — Jason é suplantado por Menelau, que chama em seu auxílio Antíoco Epifânio. — Mas Jason não gozou por muito tempo do seu poder. Êle foi suplantado por sua vez por Menelau, que tinha ainda menos escrúpulos do que êle. Menelau mandou vender um grande número de vasos de ouro do Templo e, com o dinheiro que dêles obteve, conseguiu fazer-se nomear Grande Sacerdote, êle nem mesmo era da família de Arão. O virtuoso Onias censurou-lhe êstes sacrilégios, e êle o mandou traiçoeiramente assassinar. Mas em Jerusalém, não queriam nem Menelau como Grande Sacerdote, nem costumes pagãos introduzidos por Jason; e quando um dia se espalhou a falsa notícia que Antíoco protector de Menelau, morrera no Egípto, uma revolta rebentou na cidade e Menelau foi expulso. Êste chamou em seu auxílio o rei da Síria.

5 — Antíoco Epifânio entra em Jerusalém e decreta uma perseguição religiosa. — Antíoco querendo-se aproveitar das lutas intestinas da Judeia para submeter inteiramente o povo judeu e para lhe impôr a religião pagã, vem à Judeia com um forte exército, queimou uma parte da cidade de Jerusalém e massacrou 40.000 habitantes; depois êle penetrou no Templo que saqueou, levando todos os utensílios

sagrados, o candeieiro de ouro, a mesa dos pães da proposição e o altar dos perfumes. Êle ainda fêz mais: para destruir completamente o culto, êle proíbiu sob pena de morte aos judeus o exercício de tôda a prática religiosa. Os livros da Lei foram entregues às chamas. O Templo de Deus foi consagrado a Júpiter Olímpico, e um padre grego veio oferecer sôbre o altar dos holocaustos uma porca (17 de Tamuz, 167 antes da Era vulgar).

Em todo o país os judeus foram obrigados a assistir aos sacrificios idólatras, comer carne de animais imundos e tomar parte nas procissões pagãs. Todos os que recusavam participar nestas cerimónias eram punidos com a morte. Os mais fracos abandonaram Deus e tornaram-se pagãos. Outros fugiram para as montanhas e para o deserto, habitaram cavernas e alimentaram-se de raízes.

Mas um grande número glorificaram o nome de Deus públicamente e sofreram o martírio antes que tornarem-se infiéis à Thorah.

Os mártires

1 — Martírio do velho Eleazar. — Uma das mais célebres vítimas de Antíoco foi Eleazar, velho de 90 anos, que recusou corajosamente de comer carne de porco. Os funcionários do rei, que tinham piedade dêle, lhe suplicaram de deixar-lhe trazer secretamente carne permitida, e de deixar fazer acreditar que êle comia carne de porco, e de salvar a sua vida com êste fingimento. Mas o velho lhes respondeu: Um tal fingimento não convém à minha idade. A Deus não agrada que eu dê aos homens mais novos que eu um exemplo tão funesto! Por alguns dias, que me restam a viver, eu não cobrirei de vergonha a minha velhice e, para escapar ao suplício dos homens, eu não me exporei a cair sob a mão do Todo-poderoso.

Levaram-no imediatamente ao suplício e êle morreu, cheio de coragem, mártir da sua fé.

2—**Martírio de Hannah e dos seus sete filhos.**—O exemplo de Eleazar foi imitado por uma mãe, que se chamava Hannah, e pelos seus filhos. Levaram-na perante Antíoco, que quis constrangê-la a prostar-se perante os ídolos, mas o mais velho dos irmãos lhe diz:—**Nós estamos prontos a morrer, antes que transgredir a lei de Deus.** O rei furioso mandou-lhe cortar a língua e lançá-lo numa caldeira de azeite a ferver.

Então o carrasco apoderou-se do segundo filho. Este disse ao rei:—**Tu nos arrancas a vida presente, mas Deus nos dará a vida eterna.**

Assim morreram todos os irmãos, um após outro, com a mesma valentia, sustentados pelas exortações de sua mãe.

Quando chegou a vez do mais novo, Antíoco prometeu-lhe cobri-lo de riquezas se êle quisesse abandonar a sua religião. Como o rapazito não se deixava abalar, o rei dirigiu-se a sua mãe, para que ela convencesse a salvar a sua vida. Mas esta mãe heróica disse ao seu filho:—**Meu filho, não receies êste carrasco! sofre a morte e eu que tornarei a encontrar com os teus irmãos na vida eterna!** O mais novo foi pois morto ainda com mais crueldade que seus irmãos. Finalmente o tirano mandou matar a mãe, que com uma coragem sôbre-humana tinha assistido à morte dos seus filhos, antes do que terem renegado a lei divina.

à cidade, encarregado de constranger os judeus à apostásia. Matatias, tendo recebido ordem de sacrificar aos ídolos, respondeu:—**Quando todo o universo se conformar à ordem do rei, meus filhos e eu ficaremos fiéis a Deus até ao nosso último suspiro.**

Enquanto êle falava, um judeu avançou para o altar para sacrificar aos ídolos. À vista disto, Matatias indignado lançou-se sôbre o infiel e matou imediatamente. Êle apunhalou também o enviado de Antíoco e destruiu o altar. Depois percorreu a cidade gritando:—**Que todos que zelosos pela Lei me sigam!** Êle retirou-se com os seus filhos para as montanhas, para onde o seguiram daí a pouco grande número de judeus fiéis, prontos a sacrificarem a sua vida pela sua religião.

Matatias formou com êles um pequeno exército e percorreu com êle a Judeia, derubando os ídolos e restabelecendo as sinagogas.

2—**Matatias faz as suas últimas recomendações e morre.**—Matatias era já velho. Sentindo que ia morrer, reuniu os seus filhos e disse-lhes:—**Meus filhos, tende zelo pela Lei e dai o vosso sangue pela Aliança de vossos pais. Os que põem a sua esperança em Deus não perecerão. Simeão vosso irmão é prudente: que êle seja doravante vosso conselheiro. Judah, vosso irmão, é valente; êle será vosso chefe. Combatei pelo vosso povo.**

Em seguida o piedoso velho abençoou os seus filhos e morreu.

A Revolta dos Hasmoneus

(167 ANTES DA ERA VULGAR)

1—**Zêlo do sacerdote Matatias pela sua religião.**—Contudo o Senhor não abandonou o seu povo. Havia em Modim, pequena cidade próximo de Jerusalém, um sacerdote da família dos Hasmoneus, chamado Matatias, com os seus cinco filhos João, Simeão, Judah, Eleazar e Jonathan. Um dia um enviado do rei Antíoco chegou

KIPUR

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 119)

III

Quando o santuário de Jerusalém foi destruído, e que a sua ruína suspendeu o exercício do culto público ordenado pela

lei, os doutores que tinham sucedido aos profetas tiveram que pensar em estabelecer cerimónias novas, que recordassem as antigas e que podessem inspirar aos israelitas os mesmos pensamentos de arrependimento, de contrição e de temor de Deus. O jejum foi necessariamente conservado em todo o seu rigor; além da dor que êle infringe ao homem, êle torna-se uma oferenda pessoal que cada um trás a Deus. Muitas vezes nós temos dado ao nosso corpo satisfações supérfluas; nós podemos bem durante um dia lhe recusar o necessário. Mas o sacrifício não pode ser mantido, e como êles servem a marcar outrora as diversas fases do dia solene, foi preciso substituí-los por várias orações dum carácter muito especial.

Outrora o culto feria os olhos e o espírito; hoje a pompa religiosa desapareceu, mas o espírito e o coração são profundamente tocados por sublimes meditações.

Os poetas judeus da Idade-Média, dignos e inteligentes discípulos dos doutores dos primeiros tempos, elevam para Deus a alma dos fiéis por cantos religiosos, que lembram os esplendores do culto antigo, mas que sobretudo fazem pensar ao nada do homem e nas suas faltas à misericórdia e à grandeza de Deus.

A véspera de Kipur, o israelita prepara-se sèriamente para a grande expiação do dia seguinte. Não só êle purifica o corpo com uma ablução, que é o símbolo da purificação da sua alma, mas êle deve santificar-se por benefícios espalhados à volta dêle. A penitência, segundo o judaísmo, é inseparável da caridade. Pelo meio do dia os fiéis se juntam, e cada um se entrega a um primeiro exame de consciência. Todos são avisados que êles se devem apresentar à noite perante Deus, libertos de todos os compromissos para com os seus irmãos. O perdão do Senhor não pode vir senão depois do próximo ofendido. Quando o sol desapareceu no horizonte, a hora santa da expiação soou. Uma oração emocionante sai de tôdas as bocas; nós pedimos a Deus «que tantas vezes atendia os patriarcas, os profetas e os justos de todos os séculos, de se dignar ouvir as novas vozes que o imploram.»

O livro sagrado da lei de nossos pais é então solenemente trazido à presença da assembléia; e a voz do pontífice, ao meio

do recolhimento e da emoção, nos anuncia que Deus nos considera quites de todos os compromissos contratados com êle, se, a mão sôbre a nossa consciência, nos não podemos executá-los. Mas se os nossos votos para com Deus são declarados nulos, todos os nossos juramentos para com os nossos irmãos em particular e para com a sociedade em geral devem ser rigorosamente mantidos, quando não formos relevados por aquêles mesmos a quem nós os prestamos. «Senhor, dizia David, quem poderá subir a tua santa montanha? São os que caminham na integridade e na justiça... aquêle que mantém, mesmo contra o seu interêsse, as promessas que fêz.» (Salmo XV).

Neste augusto instante melhor que em qualquer outra ocasião, uma restrição mental seria desonesta culpada e ímpia. A verdadeira piedade não poderia nunca dar a mão à má fé. Logo começa a oração da noite; ninguém é esquecido, nem os chefes religiosos que são mortos, nem os ausentes, nem os viajantes, nem as vítimas da perseguição. Em Israel, não se dirigem ao Céu súplicas egoístas, êste povo de irmãos, em virtude da sublime solidariedade que faz dêle uma força moral indomável, pede sempre por todos, quer êles peçam assistência, quer êles implorem perdão.

Quando a oração é terminada, a noite já cobriu a terra com os seus véus. O repouso nos é permitido. Mas antes que o sono feche as nossas pálpebras, os cantos sagrados do rei profeta nos convida uma vez mais a meditações santas; e uma sublime poesia, obra admirável dum profundo pensador judeu, eleva a nossa alma até aos pés do throno celeste. (Ben-Gabirol, que vivia em 1040, autor de Kether Malkhuth; celebra Deus que criou o mundo, nos ensina os atributos divinos e nos faz assistir ao esplêndido espectáculo do seu poder «achando o nada por dêle fazer sair o universo». A religião e a ciência são as duas asas de que o poeta se serve para voar na imensidade do infinito. Êle nos arrebatava, no seu impetuoso esforço, dum planeta a outro, explicando as leis, medindo a forma e a órbita, segundo os dados científicos do seu tempo. O audacioso poeta, levado pela sua imaginação fogosa, ultrapassa as mais altas esferas, e não para senão no limiar secreto da divina Magestade.

Retido pelo seu respeito por Deus «que a inteligência mais vasta não pode conhecer senão imperfeitamente», o poeta hebreu regressa às criaturas. Ele descreve os seres misteriosos encarregados de cumprir as vontades celestes, o local onde as almas encontram o seu castigo e encontram os gozos eternos em remuneração da sua conduta sobre a terra. Finalmente este canto magnífico termina por uma confissão comovente das misérias e dos vícios da humanidade, admiração profunda da grandeza de Deus, consciência da fraqueza humana, vivo reconhecimento pelos benefícios do Criador, necessidade imperiosa de arrependimento e de perdão, tais são os sentimentos que inspiram a Kether Malkhuth e lhe deram um lugar nas nossas orações de Kipur.

IV

O officio da manhã nos reconduz a semelhantes pensamentos, mas a idéia da vaidade das coisas terrenas é expressa com mais fôrça e renova-se freqüentemente. *Possuir a graça divina num só momento e morrer depois!*

Tal é o grito de paixão religiosa posta por um dos nossos grandes poetas hebreus, Judah Ha-Levi! (Ele vivia em 1120). O homem, estrangeiro sobre a terra, nada tem que esperar senão de Deus. Ele não é mais que nada, poeira e corrupção; os seus pecados são demasiados numerosos para serem contados. Se Deus o passa no cadinho da sua justiça, nada restará d'ele. Mas Deus tem piedade d'ele, que volta para Ele. O tribunal celeste, bem diferente da justiça dos homens, em lugar de infligir uma condenação, só tem misericórdias a conceder àquêle que confessa as suas faltas. É preciso pois arrepende-se; é preciso consagrar-se ao jejum, à dor; mas é preciso sobretudo bem fazer. «O verdadeiro jejum que agrada a Deus, não é, diz o próprio profeta Isaias, não é de curvar devotadamente a cabeça, de se cobrir de cinzas: é de romper tôda a união com a iniquidade, de pôr em liberdade os que são oprimidos, de partilhar o seu pão com os que estão esfomeados, e os seus vestidos com os que estão nus.»

É à luz destes altos pensamentos morais do profeta que nos devemos alumiar para

compreender as nossas orações adicionais de Mussaf. Aqui tudo é cheio do passado; todo o cerimonial antigo regressa à vida nas recordações de israelita. Os nossos doutores quizeram apresentar aos nossos olhos o grande pontífice de Jerusalém procedendo à celebração dos ritos expiatórios.

Nós o seguimos no santuário; nós o vemos purificar-se, oferecer o incenso e os sacrificios. Parece-nos ouvir a sua voz pronunciando as fórmulas santas, e nós mesmos as proclamamos a face contra a terra, como outrora os nossos pais no recinto do templo: «Bendito seja para sempre o nome glorioso do Senhor.»

Estas magestosas cerimónias, que foram objecto de tantos desgostos, e das quais os nossos poetas amargamente choraram a interrupção, tinham, nós o vimos, um sentido profundo. Elas reconciliavam o povo com o seu Deus e consigo próprio pelo arrependimento que elas excitavam. O officio de Mussaf parece ter por fim especial de mostrar que a oração, com a penitência, substitui perante Deus os sacrificios antigos, e que, feito em comum por uma família de irmãos, se encoraja pelo exemplo, ela tem mais poder para reconduzir ao fim, mais eficácia para obter o perdão.

Também a oração do meio do dia (Minhah) é ela a expressão das mais largas idéias de clemência e de misericórdia. Depois de ter pedido por todos os seres amados que perdemos, e sermos penetrados deste pensamento, que a morte nos espera um dia a todos sem excepção, retomamos confiança em nós, convencendo-nos que a bondade divina nos espera todos também com a mesma certeza que a morte. Nenhuma destas criaturas não é privada dela. Tôdas, desde a mais ínfima até à mais inteligente, são, da parte de Deus objecto dum imenso amor.

Todos os homens, quaisquer que sejam crenças e o seu culto, são os filhos do Senhor. Um profeta de Israel esqueceu-se ao ponto de desconhecer esta grande lei de perdão e de misericórdia.

Jonás não quis tornar-se o glorioso instrumento da clemência divina junto duma nação pagã. Também Deus, por uma lição plena de indulgência e de grandeza, vem lhe lembrar que não é para os homens um amo sempre irritado a perto

da vingança, mas um Deus de amor e de caridade. Nós podemos contar com o nosso Pai celeste. Tudo nos pode faltar num momento; o nosso próprio corpo, enfraquecido pela doença ou curvado pela idade, pode um dia nos recusar os seus serviços. Uma hora virá em que os nossos lábios não se abrirão mais para pedir perdão; mas Deus não nos faltará nunca. Que do fundo da nossa alma nós nos elevemos para Ele, Ele virá em nosso socorro e nos fará misericórdia. *Um pai nunca é surdo para os seus filhos.*

Sim, nós seremos certamente perdoados, se o nosso arrependimento foi verdadeiro e se nós temos corajosamente reparado as nossas faltas. As portas da Casa de Deus não serão fechadas, sem que nós tenhamos feito ouvir um canto solene de triunfo (Nehilah). As nossas dores estão terminadas; nenhuma aflição não nos deve afligir mais. Pecadores, nós recebemos a garantia do perdão; culpados, nós obtivemos a graça divina. O Senhor disse:— Eu não quero a morte do mau; que ele regresse dos seus maus caminhos e que ele viva (Ezequiel, XVIII). Mas se a Nehilah é o encerramento de Kipur, deve também sê-lo de nossos pecados. O mal foi vencido e dominado, como outrora Baal sobre o Carmel. Quanto a nós, como outrora o Povo israelita, convertido pelo profeta Elias, nós não reconhecemos outra realza que a do Senhor, e nós exclamamos solenemente: Só o Senhor é Deus, só o Senhor é Deus (Adonai hu Elohim). Que estas palavras santas se tornem dora-avante o nosso grito de reunião na nossa luta contra as paixões que nos cercam. Quaisquer que sejam os encantos que a sedução nos apresenta, desvia os olhos com firmeza. Pensemos que um dia virá em que uma voz terrível ressoará aos nossos ouvidos. O instrumento sagrado do qual os sons majestosos se fazem ouvir no derradeiro momento de Kipur, não é mais que o símbolo do temível apêlo que nos citará cedo ou tarde ao tribunal de Deus. Não é sem motivo que o dia das expiações chega para nós depois do doce prazer da primavera e das ricas colheitas do estio. Como a religião, a natureza nos convida a pensamentos sérios. As flores começam a desaparecer, os frutos foram colhidos; as próprias folhas vão cair das árvores ao pri-

meiro sôpro do vento. O inverno avança a largos passos; ainda algumas semanas e o seu hálito gelado vem trazer o frio às nossas moradas. O inverno da nossa vida se aproxima também. Cada dia que passa é uma folha da nossa existência que cai murcha na poeira do passado. Nós sentimos então que à volta de nós os homens e as coisas não podem dar-nos o repouso e a consolação que nós procurámos. E é-nos preciso um imenso amor; nós o encontraremos no seio de Deus num futuro eterno de celestes gozos.

Tal é Kipur como foi instituído pelo Legislador divino de nossos pais, e assim como mais tarde o fizeram os homens da Grande Sinagoga, e depois dêles os poetas judeus da Idade-Média. Esta solenidade é fecunda, nós o vimos, em lições duma alta importância, em ensinamentos profundos. Ela é necessária para nos arrancar de tempos a tempos ao mundo e nos reconduzir a Deus.

O arrependimento não nos é tornado fácil, mas os rigores nos são abrandados e a bondade divina o põe ao nosso alcance; basta-nos um esforço para regressar ao bem.

Este esforço, é o sacrifício, sacrifício material outrora sacrifício moral hoje. Este esforço é o afastamento do mal e o cumprimento do bem; é a transformação do homem pela purificação espiritual, isto é, pela religião; é a sua regeneração pela dedicação ao seu próximo, isto é, pela caridade. Um grande problema foi pôsto pelos dogmas de todos os povos: —o homem caído no pecado pode sair dêle pelas suas próprias forças? Kipur é a resposta do judaísmo; êle é a glorificação da liberdade humana. O homem que foi livre de pecados é livre de bem-fazer. O seu arrependimento lhe pertence, e Deus está sempre preparado para receber o seu regresso à virtude. O homem é senhor do seu destino moral; é só querer, e seu Pai celeste, segundo a bela expressão de Ezequiel, espalhará sobre êle as águas puras da salvação. (Ezequiel, cap. XXXVI, vers. 25).

Paris, 1864.

ELIAS ARISTIDES ASTRUC,
Rabino-adjunto do Rabi-mor
de Paris.